



EFEITOS DA IDADE RELATIVA NA SELEÇÃO DE TALENTO NO FUTEBOL

Thiago Rogel

Ivanildo Alves

Henrique França

Rodrigo Vilarinho

Fabrcio Madureira

Universidade Metropolitana de Santos – Brasil

Resumo: O futebol no Brasil representa à maior potencia no esporte, e é caracterizado pela grande quantidade de jovens talentos, no entanto pouco se sabe sobre a origem desse talento, se é fruto de prática ou uma genética favorecida. Estudos na área da seleção de talento vêm detectando uma predominância de jovens nascidos no começo do ano envolvidos em torneios de futebol, denominado de efeito relativo de idade, e atribui maior probabilidade desses garotos nascidos no primeiro semestre tornarem-se jogadores profissionais. Neste trabalho nosso objetivo foi avaliar o efeito da idade no processo de seleção de talentos, em jovens praticantes de futebol no Brasil. O estudo contou com coletas das datas de nascimentos de 786 jovens e 90 jogadores profissionais e foram encontradas diferenças de até 46.7% entre jogadores nascidos no primeiro e segundo semestre.

Palavras-chave: Futebol; seleção de talentos; idade relativa.

EFFECTS OF AGE ON THE SELECTION OF SOCCER TALENTS

Abstract: In Brazil, soccer represents the greatest potential in the sport, and it is characterized by the large amount of young talents, however, few is known about the origin of that talent, if it is a consequence of the practice or if it is a result of genetics. Studies in the area of a predominance of youths involved in tournaments of soccer that were born in the beginning of the year, named as a relative effect of the age and attributes more probability for those kids who were born in the first semesters to become professional players. The birth of 786 youths and 90 professional players were collected in this research, and differences were found of until 46.7% between players that were born in the first and second semester.

Keywords: Soccer; talent selection detects; relative age.

INTRODUÇÃO

O Brasil é caracterizado pela grande quantidade de talentos referentes ao futebol, mas pouco se sabe de onde vem esse talento. Segundo Guenther (apud DA SILVA, 2006), costuma-se empregar a palavra talento para conceituar pessoas com atributos ou características admiradas e valorizadas pela cultura e momento histórico.

O estudo do talento pode abranger várias áreas, na Educação Física emprega-se o termo “Talento esportivo” para designar pessoas talentosas para o esporte. Kiss (2004) classifica talento esportivo com as pessoas que possuem aptidão (condição em um determinado instante) especial, grande aptidão ou grande potencial, para o desenvolvimento esportivo.

Para Bohme (1994), o indivíduo que, por meio de suas capacidades herdadas e adquiridas, possui aptidão especial para o desenvolvimento esportivo acima da população em geral, é reconhecido como talentoso para o esporte.

Entretanto, reconhecer um talento no futebol não parece uma tarefa difícil, afinal quando assistimos aos gols de Pelé e Romário, aos dribles desconcertantes de Garrincha e Ronaldinho Gaúcho, logo parecemos que estamos lidando com pessoas extremamente talentosas. Agora a tarefa difícil parece ser a descoberta de onde vem o talento, isto é, nascemos talentosos ou adquirimos as habilidades quando nos deparamos com um ambiente privilegiado?

Estudos realizados na música (ERICSSON *et al*, 1996; HOWE, DAVIDSON e SLODOBA, 1998) e nos esportes mostram uma grande relação entre o treinamento acumulado e o desempenho atingido.

Ericsson *et al* (1993) propuseram a “teoria da prática deliberada”, na qual a quantidade de prática estruturada, a dedicação e os esforços durante no mínimo, dez anos seria a causa determinante para aquisição de alto nível de desempenho, independente da predisposição genética e fatores hereditários.

Gardner (1994) também sugere que indivíduos com talentos para música apresentam maior concentração de células no córtex auditivo. Já para arte sua concentração é observada no córtex visual, assim, para o autor o cérebro parece se adaptar ao seu estilo de vida.

Entretanto, é comum observarmos jovens atletas que mesmo submetidos a treinamentos não apresentam como seus congêneres de sucesso as mesmas magnitudes de evolução. Outro exemplo característico no processo de treinamento é que aparentemente os atletas respondem de diferentes formas a um mesmo estímulo. A prática acumulada não pode ser a única explicação para o desenvolvimento de um talento e as características hereditárias não poderiam ser desprezadas. Então, abordaremos outra linha de pensamento, onde a prática deixa de ser um componente primordial se a pessoa não for geneticamente programada para a tarefa.

No esporte, uma seleção natural é nitidamente notada. Para exemplificar, vamos imaginar quais seriam as chances de uma equipe de vôlei com média de 1,60 m de altura obter sucesso frente às muralhas mundiais, ou inversamente, quais as dificuldades que a ginasta Daiane dos Santos teria em realizar um salto carpado estendido se ela apresentasse a altura de uma jogadora de basquete. Essas analogias são facilmente percebidas, um atleta de velocidade precisa ser veloz, se não é veloz não pode ser velocista. A partir desses diversos fatores algumas pessoas atribuem o alto desempenho a uma genética favorecida. Para Dantas (1998), cada pessoa, ao nascer, traz uma bagagem genética (genótipo) que irá determinar suas potencialidades físicas e psicológicas para a prática de determinados tipos de desporto.

Schmidt e Wrisberg (2001) definem como um dos fatores responsáveis pelas diferenças individuais no desempenho humano, o termo *capacidades*, definida como traços inatos, relativamente permanentes e estáveis do indivíduo, representando em seu livro, que uma pessoa sem destreza de dedos nunca se sentirá confortável em tocar uma guitarra, nem irá se aventurar a andar em uma corda bamba ou uma trave de equilíbrio se não obter boas capacidades de equilíbrio.

Teoricamente acredita-se que a estatura, peso, adiposidade, força muscular, velocidade e potência aeróbia possam ser altamente dependentes de constituição genética, mas estudos realizados com gêmeos monozigóticos e dizigóticos não apresentaram consistência (BOUCHARD *et al*, 1997; GARDNER, 1994).

Matsudo (apud DA SILVA, 2004) salienta a importância da genética para o sucesso de atletas e acredita que estudos com gêmeos não deram certo, devido ao fato de não ter sido levado em consideração à sensibilidade do indivíduo ao treinamento,

que pode ser alta ou baixa, precoce ou tardia. Outros autores acreditam que a concepção herdada não garante sucesso no esporte por si só, e defendem a importância de fatores externos.

Segundo Gardner (1994 e 1995), tarefas mais complexas como a capacidade de resolver equações, dominar línguas, apreciar ou criar músicas, envolve um complexo traço de genes, que para situações tão amplas como a inteligência, o autor questiona se seria de fato correto chama-los de traço.

Enquanto não for provado que a genética ou a prática isoladamente produzem altos níveis do desempenho de um atleta, estamos impossibilitados de seguir um único caminho. Enquanto tal hegemonia acadêmica não acontece, a melhor opção é olhar para a detecção de talentos com uma visão mais ampla.

Bloom (apud CAMPOS, 2004) é caracterizado pelo marco no estudo do talento, o autor investigou durante quatro anos, 86 homens e 36 mulheres, considerados talentos e que tinham obtido alto desempenho antes dos 35 anos de idade. Ele entrevistou pianistas, matemáticos, pesquisadores neurológicos, escultores, nadadores olímpicos e tenistas. Bloom buscou encontrar aspectos determinantes para o desenvolvimento do talento, listando fatores como; capacidades físicas e intelectuais, apoio familiar, qualidade de instrução e orientação, fontes de motivação e recompensa, o tempo de prática, quaisquer outros fatores individuais considerados relevantes e desenvolvimentos de hábitos que aumentavam o compromisso com seu campo de atuação. Surge então um ponto fundamental para um talento, o apoio para o sucesso. Assim o autor supracitado observou que a evolução da criança foi relacionada à quantidade de estímulos recebidos dos pais, professores, treinadores e de ambientes satisfatórios de desenvolvimento.

No esporte, uma criança que decide investir em seu talento, precisa vencer as horas de treinamento intenso e repetitivo, a pressão de uma vida social privada de festas com amigos, viagens com a família, condições financeiras escassas, aumento na pressão para obtenção de sucesso e freqüentes frustrações pelo seu próprio rendimento. Segundo o autor supracitado essas situações negativas contribuem para os altos índices de abandono da área específica de interesse.

Csikszentmihalyi *et al* (apud CAMPOS, 2004) propõem que um estudo o talento não é uma categoria natural do homem, a diversidade de “dons” faz parte de uma estratégia da evolução e características inatas, que podem ou não ser consideradas talentos dependendo da inserção cultural. Então propuseram um modelo denominado Fluxo de Experiência Ótima, destacando dois conceitos: (a) integração e (b) diferenciação.

a) Integração: condições facilitadoras para que a criança resolva um problema. Durante a resolução do problema a criança perde a noção de tempo, ignora fadiga e qualquer outro fator que atrapalhe a resolução da tarefa.

b) Diferenciação: Refere-se aos desafios e mudanças que irão causar novas adaptações. O equilíbrio entre esses dois conceitos está na motivação das crianças para superar os desafios frente à dificuldade.

Para os autores, nenhum adolescente desenvolve seu talento se não for apoiado por adultos, e é justamente o apoio encontrado nas categorias antecedentes ao profissionalismo (categorias de base), que será o foco da nossa investigação.

É cada vez mais disputada uma vaga em um clube de futebol, o esporte passou por grandes evoluções com o passar dos anos, ganhou ainda mais adeptos, tornou-se uma modalidade com grandes investidores atraindo inúmeros jovens que buscam brilhar nos gramados mais famosos do mundo.

Diante de tanta opção e após termos revisado os estudos sobre os aspectos relevantes ao desenvolvimento de um talento, passaremos a olhar de outro lado. O que os profissionais que decidem o futuro desses jovens talentos valorizam nos futuros jogadores de futebol?

Suspeita-se que a maturação precoce ou precocidade física são importantes características que formam a base da seleção de

talentos (HELSEN et al, 2000). Um estudo, relatado pelos autores acima, mostra uma forte relação entre o mês de nascimento e a proporção de jogadores no futebol da Bélgica. O estudo contou com 1200 datas de nascimentos, de três grupos de jogadores de futebol na Bélgica: jogadores profissionais, jogadores de 10 a 16 anos selecionados para times nacionais, e jogadores menores de 16 anos transferidos para a primeira divisão. Os resultados indicaram que jovens jogadores nascidos entre agosto à outubro, período considerado o começo do ano do esporte (janeiro à março para o Brasil) seriam mais prováveis para serem identificados como talento, e com mais chance de serem transferidos para times nacionais e se tornarem profissionais. Em contraste, jogadores nascidos mais tarde (de acordo com o ano de seleção) acabariam sua carreira antes dos doze anos de idade.

Para confirmar essa afirmação, foi invertido o início do ano de competição na Bélgica, passando a ser em janeiro semelhante ao Brasil. De repente jogadores nascidos de janeiro a março, eram mais prováveis a serem vistos como talentosos. Isso vem sendo chamado de efeito relativo da idade e pode ser explicado pelo fato de que um atleta nascido em janeiro no Brasil, por exemplo, tem 11 meses de diferença quando comparado a um outro jovem talento nascido em novembro, sendo assim ele poderá em virtude disso apresentar uma maturação física superior quando nascido em um mês supostamente “favorável” a seleção de talentos no futebol.

Outro fator interessante é relacionado com a teoria da prática deliberada citada anteriormente. Se duas crianças apresentam 300 dias de diferença entre seus nascimentos, o nascido no começo do ano praticando quatro horas por dia irá somar ao final do ano 1.200 horas a mais do que o jovem nascido ao final do ano, podendo gerar uma vantagem também na maturação cognitiva e no desempenho da modalidade, assim vem se dando uma maior oportunidade aos garotos nascidos no início do ano. Assim talvez muitos talentos estejam sendo desperdiçados.

Curiosamente um estudo semelhante realizado no futebol feminino americano, com 1344 garotas não apresentou nenhuma diferença entre os meses de nascimento (VINCENT e GLAMSER, 2006).

No Brasil, um excesso de competitividade nas categorias menores do futebol masculino e até mesmo uma grande valorização a aspectos físicos, como a força vem sendo muito falado, o futebol “arte” antigamente vem sendo substituído pelo futebol força, com jogadores cada vez mais preparados fisicamente, no entanto com pouca criatividade de antes, sendo assim tentamos reproduzir um estudo similar aos citados a fim de analisar se o efeito da idade relativa na seleção de jovens talentos e seus reflexos em jogadores profissionais já consagrados em nosso país.

OBJETIVO

Avaliar o efeito da idade no processo de seleção de talentos, em jovens praticantes de futebol no Brasil.

METODOLOGIA

O efeito relativo da idade (ERI) na seleção de talentos no futebol foi avaliado em duas situações: foram coletadas as datas de nascimentos de jogadores profissionais e jovens talentos participantes de um campeonato inter-escolas.

Para os jovens talentos foram coletadas as datas de nascimentos de 783 jovens, sendo (514) garotos e (269) garotas, durante o campeonato inter-escolar da cidade de Cubatão-SP, das seguintes categorias: Infantil (CI) 15 anos de idade, Mirim (CM) 12 anos e Pré-Mirim (COM) 10 anos. As informações foram adquiridas através das listas de inscrição das escolas, contendo as datas de nascimento de todos os jovens. Para a análise do ERI dos profissionais, foram coletadas as datas de nascimentos de jogadores que defenderam a seleção Brasileira nos Mundiais de 58, 62, 70, 82, 94 e 2006.

Esta coleta foi feita através de uma pesquisa realizada na internet, coletando a lista dos participantes de cada mundial supracitado, e utilizado os dados de 15 jogadores representantes da seleção desde a década de 50 até 2000. As datas foram agrupadas por semestre (S1 e S2) para serem comparadas entre si.

Análise estatística: após a confirmação da normalidade através do teste de Shapiro-Wilk e pela inspeção dos gráficos de quantis, optou-se por utilizar o teste t de Student para amostras pareadas a fim de comparar a variável semestre. Para comparar as categorias Infantil, Pré-mirim e Mirim foi utilizado a ANOVA *One-way*. O nível de significância foi aceito em 0,05.

RESULTADOS

Tabela 1. Descrição do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de meninos da categoria Pré-Mirim.

Categoria	N	Idade	S1	S2	DP
Pré-Mirim	196	10	62,83	37,17	16,45

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. * Os resultados apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,027$.*

Tabela 2. Descrição do ERI na distribuição do semestre de nascimento de meninos da categoria Infantil.

Categoria	N	Idade	S1	S2	DP
Infantil	107	15	48,00	52,00	10,28

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. * Os resultados apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,027$*

Tabela 3. Descrição do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de meninos da categoria Mirim.

Categoria	N	Idade	S1	S2	DP
Mirim	211	12	59,39	40,61	13,21

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. * Os resultados apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,032$*

Tabela 4. Descrição da comparação do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de meninos para todas as categorias

Categoria	N	S1	S2	DP
□ das Categorias	514	57,96	42,04	14,70

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. * Os resultados apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,0001$*

Tabela 5. Descrição do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de meninas para a categoria Pré-Mirim

Categoria	N	Idade	S1	S2	DP
Pré-mirim	90	10	40,00	60,00	9,43

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. *Os resultados não apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,500$*

Tabela 6. Descrição do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de meninas para a categoria Mirim

Categoria	N	Idade	S1	S2	DP
Mirim	131	12	58,14	41,72	20,84

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. * Os resultados não apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,560$.*

Tabela 7. Descrição do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de meninas para a categoria Mirim

Categoria	N	Idade	S1	S2	DP
Infantil	108	15	45,14	54,86	12,14

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. * Os resultados não apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,950$.*

Tabela 8. Descrição da comparação do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de meninas para todas as categorias.

Categoria	N	S1	S2	DP
▢ das Categorias	329	50,72	49,28	17,01

*S1, semestre 1; S2, semestre 2; D_AB, diferença absoluta; DP, desvio padrão. * Os resultados não apresentam diferença significativa entre os semestres $p=0,806$.*

Tabela 9. Descrição do ERI na distribuição dos semestres de nascimento de atletas profissionais participantes dos Mundiais citados abaixo.

Seleções Brasileiras	S1 (%)	S2 (%)
Copa de 1958	33,3	66,7
Copa de 1962	46,7	53,3
Copa de 1970	33,3	66,7
Copa de 1982	60,0	40,0
Copa de 1994	73,3	26,7
Copa de 2006	80,0	20,0

S1, semestre 1; S2, semestre 2.

DISCUSSÃO

De acordo com os resultados encontrados podemos observar que o grupo do gênero masculino apresentou grande prevalência de jovens nascidos no S1 para as CPM (62,83%) e CM (59,39), já para a CI não houve diferença significativa entre os semestres. Isso pode ser atribuído ao fato de que em categorias mais avançadas os jovens vistos como habilidosos por seus

treinadores já estão envolvidos em equipes de competição e não mais em torneios interescolares. Não foi apresentada diferença significativa entre os grupos para os dois semestres. Quando somados todos os grupos e divididos por semestre houve diferença estatística entre os semestres, desconsiderando as categorias. Esses números corroboram com o estudo apresentado anteriormente de Helsen et al (2000). Assim uma possível restrição a jovens nascidos no S2, pode ser observada também em nosso estudo.

Um problema pode ser levantado a partir desses números apresentados. Seria uma coincidência essa superioridade de jovens nascidos no S1 em relação aos nascidos no S2 em competições de futebol? Ou então uma relação entre habilidade para o futebol e mês de nascimento? Ou ainda, mostra a influência na qual o processo de seleção de talentos vem passando em função da possível preferência dos professores e treinadores de futebol em “atletas” mais maduros.

Os resultados encontrados para o gênero feminino pode ser uma resposta à primeira interrogativa, haja vista que para o mesmo estudo, e as mesmas categorias, não houve diferença significativa entre os grupos para os dois semestres. Além disso, não existiu diferença significativa entre os semestres para as categorias CI, CM e CPM. Ainda quando somados todos os grupos e divididos apenas por semestre também não apresentou diferença estatística entre eles, desconsiderando as categorias. Assim garotas nascidas no S1 não foram predominantes como no caso dos garotos, corroborando com o estudo de Vincent e Glamser (2006).

Embora o Brasil também represente uma potência no futebol feminino, o esporte não se aproxima da competitividade do masculino, e talvez a maturação física não seja um fator primordial para aquisição de alto desempenho para seus treinadores. O Pan-americano recentemente realizado no Rio de Janeiro teve como campeã a equipe brasileira, sendo muito elogiada pelo futebol apresentado, com poucas faltas menos vigor físico, mas muitos gols e jogadas de ataque. A cultura da modalidade poderia então estar influenciando na formação de talentos no futebol masculino?

O estudo envolvendo jogadores profissionais reflete essa possível mudança na cultura sobre o talento no futebol, analisados os jogadores que compunham as seleções dos mundiais citados, podemos observar uma crescente mudança das datas de nascimento para o S1 de acordo com, o avanço das décadas, chegando a 46,7% de diferença entre as copas de 58 e 2006. Nossos gênios do esporte não deixaram de aparecer, mas os antigos talentosos como Pelé e Garrincha, ambos nascidos no segundo semestre, hoje dão espaço aos nossos ídolos Robinho, Kaká, Ronaldinho Gaúcho e Romário nascidos no primeiro semestre.

Bloom (apud CAMPOS, 2004) diante de tanto sacrifício os indivíduos muitas vezes desistem de dar continuidade em seu objetivo, nesse caso ser jogador de futebol, principalmente por uma falta de apoio. Assim quantos talentos não podem estar sendo desperdiçados, em função dessa má distribuição de seleção? Se de fato a maturação física for o responsável por essas diferenças, algo deve ser salientado, quando os jovens atingirem idade para compor uma equipe profissional essa diferença física em função de uma idade relativa será nula e então a jovem promessa poderá passar a ser um atleta normal, nada mais do que isso.

CONCLUSÃO

Todos os resultados encontrados nessa pesquisa corroboram com os achados já citados, mostrando uma superioridade no número em jovens nascidos no primeiro semestre para os garotos. No entanto, esse comportamento não foi observado para proporção das datas de nascimentos das garotas, porém esses achados também são relatados em um estudo de Vincent e Glamser (2006). Portanto, essa má distribuição de jovens na seleção de talentos pode ser refletida atualmente na proporção encontrada no número de jogadores de futebol profissional da seleção brasileira.

REFERÊNCIAS

- BOHME, M. T. S. Talento esportivo: aspectos teóricos. **Revista Paulista de Educação Física**. v.8, n.2, p.90-100, 1994.
- BOUCHARD *et al.*. Aerobic performance in brothers, dizygotic and monozygotic twins. **Medicine e Science in Sports e Exercise**. V. 18, n.6, p.639-646, 1986.
- CAMPOS, R.. **Estudo comparativo das habilidades motoras e cognitiva em praticantes de futebol de diferentes locais de prática**. 2004. Tese (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná.
- DANTAS, E. H. M.. **A prática da preparação física**. 4.ed. Rio de Janeiro: Shape, 1998.
- DA SILVA, L.R.R. **Desempenho esportivo: Treinando com crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2006.
- ERICSSON, K.A; LEHMANN, A.C. Expert and Exceptional Performance: Evidence of Maximal Adaption to Task Constraints. **Annual Review of Psychology**, v. 47, 1996.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.
- GARDNER, Howard. **Teoria na prática**. Rio de Janeiro: Artmed, 1995.
- HELSEN, W.F; HODGES, N.J; VAN WINCKEL, J.; STARKES, J.L. The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. **Journal of Sports Sciences**, 2000, 18, 727-736.
- HOWE, M. J; DAVIDSON, J. W; SLOBODA, J. A *Innate talents: reality or myth?* **The Behavioral And Brain Sciences**, v.2, n.3, p.399-442, 1998.
- SCHMIDT, R.A.; WRISBERG, C. A.. **Aprendizagem e performance motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- VINCENT, J.; GLAMSER, F.D. Gender differences in the relative age effect among US olympic development program youth soccer players. **Journal of Sports Sciences**, v.24, n.4, p.405 – 413, 2006.
- KISS, M.A.P.D; BOHME, M.T.S; MANSOLDO A.C; DEGAKI, E.; REGAZZINI,M. Desempenho e talento esportivos. **Revista Paulista de Educação Física**, v.18, p.89-100, 2004.

Contatos

Universidade Metropolitana de Santos
Fone: (13) 3222 8081
Endereço: Av. Conselheiro Nébias, 536 – Santos – SP – Cep.: 11045 – 002
E-mail: thiago_rogel@hotmail.com

Tramitação

Recebido em: 08/08/2007
Aceito em: 03/09/2007